

## MAS O QUE É O AMOR? REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM MULHERES EM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Tatiana Machiavelli Carmo Souza

Kelen Sabini

(UFG/RJ – Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí)

### Resumo

A violência contra a mulher trata-se de uma problemática social com índices crescentes, especialmente no Brasil. O estudo buscou compreender as representações sociais de amor em mulheres em situação de violência doméstica que permaneciam com seus respectivos parceiros. Foi realizada pesquisa qualitativa e a amostra composta por sete mulheres; a obtenção de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada. Para leitura e interpretação dos dados utilizou-se a análise de conteúdo. Verificou-se que a representação social de amor das participantes se sustentava na crença de que o modo agressivo do parceiro podia ter fim. Percebeu-se forte papel da religiosidade, além de sentimentos de tolerância e compaixão. A manutenção do vínculo conjugal deu-se por fatores como romantismo, solidão, filhos e bens materiais.

*Palavras-chave:* amor; violência intrafamiliar; gênero; representação social.

### Abstract

#### What is love? Social representations of women in the context of domestic violence

Violence against women is a social problem with rising rates, especially in Brazil. The study aimed to be aware of the social representations of love in women in situations of domestic violence who remained with their respective partners. A qualitative research was carried out and the sample consisted of seven women; the data collection occurred through semi-structured interview. For reading and interpretation of the data, it was used content analysis. It was highlighted that the participants' social representation of love was based on the belief that the partner's aggressiveness could cease. It was possible to see a strong role of religion, and feelings of tolerance and compassion. The maintenance of the marital bond occurred due to factors such as romance, loneliness, children and property.

*Keywords:* love; domestic violence; gender; social representation.

### Introdução

A violência contra a mulher trata-se de fenômeno global e como tal atinge o

cenário brasileiro (Brasil, 1994, 2005, 2006, 2011). Compreender os motivos que permeiam a manutenção de relações conjugais violentas torna-se importante aos

profissionais que trabalham com essa questão. Para tanto, buscou-se conhecer as representações sociais de amor em mulheres em contexto de violência doméstica que permaneciam coabitando com seus respectivos parceiros, bem como os determinantes sociais e econômicos que tangenciam esse contexto.

As concepções de amor estão atreladas ao contexto sócio-histórico, já que os significados e elementos que constituem esse sentimento são tecidos a partir de fatores determinados pelo tempo e espaço. Nessa conjunção, estudar o amor em contextos de violência torna-se elementar para compreender as possíveis relações entre essa experiência afetiva e o fenômeno da violência doméstica.

A pesquisa pautou-se na Teoria das Representações Sociais cujo modelo teórico visa explicar a construção de conhecimento com base no senso comum (Moscovici, 2007; Santos & Almeida, 2005). Sabendo que essa teoria traduz o que uma parcela ou amostra da sociedade experiencia, Santos e Almeida (2005) a definem como “[...] um conjunto de conceitos articulados que tem origem nas práticas sociais e diversidades grupais, cuja função é dar sentido à realidade social,

produzir identidades, organizar as comunicações e orientar condutas” (p. 34).

Esse estudo propõe-se a desvelar como as mulheres em situação de violência percebem o sentimento de amor, visto que essa representação é uma construção de ordem subjetiva, mas que encontra na realidade objetiva elementos formadores. Acredita-se que compreender essas representações seja importante para o estabelecimento de formas assertivas de intervenção junto a essa população.

### **Representações de Amor na História**

O amor é um dos sentimentos que promovem o vínculo entre os indivíduos. O respeito mútuo, a fidelidade, a valorização, o companheirismo e a empatia são alguns dos atributos que os amantes esperam trocar entre si. Apesar de parecer uma experiência universal, no decorrer da história, o amor foi representado de variadas formas e vivenciado de diversas maneiras. Atributos positivos e negativos atribuídos ao amor o delineou e o caracterizou em cada cultura. Nessa direção, Neves (2007) aponta que o amor só pode ser entendido se contextualizado no tempo, na história e na cultura onde é vivenciado, assim, como “conceito

multidimensional, o amor é também um produto social e discursivo” (p. 612).

Barbosa (2008) destaca que o vocábulo amor tem suas origens no latim, podendo “ser traduzida como uma inclinação da alma em direção a alguém ou alguma coisa, na qual os componentes principais seriam o afeto, o bem, o carinho, a ternura, o desejo, a paixão, podendo estes emergir com maior ou menor intensidade” (p. 4). Muitas são as definições e caracterizações nos dicionários; entretanto, a definição do amor está intimamente relacionada ao desvendamento das experiências pessoais de cada ser e ao contexto sócio-histórico em que é apreendido. Trata-se, também, de fenômeno multi-determinado por fatores externos, ou seja, não só os determinantes pessoais e íntimos o afetam, como também o tempo e o espaço.

Na Grécia Antiga, Platão (428–348 a.C.) compreendia o amor como algo belo; sentimento que poderia levar os amantes à conquista da felicidade. O mito romântico em que o amado entrega sua vida ao outro em sinal de seu amor é exemplificado na obra platônica, atitude esta referida como o máximo de zelo e virtude (Platão, 1999). O sacrifício pelo bem amado foi caracterizado pelo filósofo como a força que advém do amor, nesse sentido, o valor

de quem ama seria maior do que o valor do objeto amado. Nessa concepção, a busca pela própria completude e o desejo de poder completar o outro, instiga os amantes a oferecerem sua vida ao sujeito amado. Sobre o bom e o mau caráter dos amantes, ressalta que a pureza do sentimento reside no fato de que, quem ama não empreende e não sofre injustiça, nem o uso de força, já que o amante que “sofre ou faz sofrer é porque é constrangido, pois a violência é incompatível com o amor” (Platão, 1999, p. 102).

Nos primeiros séculos do cristianismo, o verdadeiro amor era aquele dedicado a Deus, sendo considerado como bem absoluto, imperecível e independente do sujeito. Santo Agostinho (354–430 d.C.) (citado por Costa, 1998), caracterizou o amor verdadeiro como sendo o de Deus e voltado para Deus (amor caritas). O amor cupiditasseria o sensível, regido pelo desejo de possuir o que não se tinha e pelo medo de desfazer-se do que havia adquirido. Desta forma, a distinção entre caritas e cupiditas reside na ideia de que o primeiro trata-se do amor que conduz à felicidade; o segundo é o amor com base nos objetos do mundo, sempre assombrado pelo medo da perda. Branden (2002) considerou o amor cristão dos primeiros

séculos como não sexual, fundamentado pela hostilidade ao prazer. Portanto, o amor e o sexo deveriam manter-se distantes a fim de evitar os pecados.

A partir dos séculos XII e XIII, com a sacramentalização do casamento (Scorsolini-Comin, 2010; Casey, 1992) e a moral cristã, a Igreja Católica passou a impor cada vez mais a relação carnal no matrimônio com vistas apenas à procriação, rejeitando todo e qualquer ardor entre os cônjuges. O amor passou a ser considerado verdadeiro se estivesse dentro dos parâmetros do cristianismo, ademais qualquer relacionamento regido pelo desejo e pela igualdade entre os amantes não era abençoado pela concepção cristã.

Também no século XII, a partir da poesia dos trovadores, começou-se a valorizar o amor cortês, exaltado como sentimento “perpetuamente insatisfeito” (Rougemont, 2003). Pretto, Maheirie & Tonel (2009) apontam que o amor cortês foi uma forma de rejeição aos padrões socialmente estabelecidos, “ênfatizando o aspecto do amor-paixão enquanto sofrimento e desejo insatisfeito, residindo sua felicidade justamente na aceitação da própria renúncia carnal” (p. 396). O período cortês foi regido por um código de

amor em que os ciúmes seria um de seus sinônimos. Ademais, prevalecia a concepção de que o amor faz perder a fome, o sono e o bom raciocínio (Branden, 2002; Costa, 1998).

Del Priore (2006) apresenta que o amor, no contexto da contra-reforma, em meados do século XVI, passou a ser perseguido tanto pela Igreja Católica, como pela ciência médica que conjecturou argumentações de que esse sentimento faria mal para a saúde física do sujeito, considerando-o como doença. Segundo a autora, todos os excessos deviam ser controlados para que o amor não se consolidasse como enfermidade.

Na modernidade prevaleceu o estigma de amor ideal, embasado na concepção de que um sujeito completa o outro, leva as pessoas a atitudes inesperadas a fim de viver uma relação pautada no idealismo e na perfeição, aponta Londero (2006). Nesse sentido, a autora apresenta que “o amor passa, então, a se ligar à idéia de que o sofrimento da perda do objeto amoroso pode ser maior que qualquer sacrifício vivido na relação, mesmo que ponha em risco a integridade física e emocional da pessoa” (Londero, 2006, p. 31). Na ordem social onde o indivíduo é soberano e absoluto, a atitude

fundamental é usar o outro como objeto; o que mais interessa é o próprio desejo. Neste tipo de relação, o outro pode assumir estatuto de coisa.

Bauman (2004) assinala que seria inevitável o amor não levar as pessoas ao sofrimento, já que é incerto e ambivalente. Segundo o autor, na contemporaneidade, os relacionamentos baseiam-se na satisfação pessoal de cada um, dando espaço para a insegurança e a solidão. Nessa direção, Branden (2002) aponta o amor romântico como egoísta e individualista, com vistas apenas à felicidade pessoal e diferentemente do ideal platônico e cristão, o amor romântico implica necessariamente na prática sexual.

As maneiras de expressar o amor diferenciam-se no decorrer da história, podendo ser expressas de modo equivocado, e ir do excesso de zelo e cuidado até agressões e violências. O modelo patriarcal, que ainda hoje rege alguns relacionamentos, apesar de arcaico, parece contribuir para o exercício da violência, pois o ideário de que os homens possuem o poder determinante na sociedade os autorizou a punir aquilo que acreditaram ser desvio (Saffioti, 2001). A dominação patriarcal nesse sentido pode ser perpetrada à mulher sob a forma de violências, embora mascaradas pelo

codinome “amor”. Nessa direção, a violência doméstica – definida como a violência praticada no âmbito do domicílio e vivenciada por sujeitos que mantêm vínculo íntimo de afeto (Brasil, 2006) – se apresenta como questão de gênero e poder que o homem exerce sobre a mulher. Concordando com Diniz (2013), é inquestionável os danos e traumas que a violência doméstica causa à mulher, comprometendo-a em sua totalidade.

Embora a existência de políticas públicas (Brasil, 2006, 2011) tenha contribuído para o abrandamento dessa questão e tenha privilegiado e mobilizado a condição de ser mulher no Brasil, não dispõem de garantias às mulheres em situação de violência doméstica, principalmente as que ainda se mantêm ao lado do agressor. Verifica-se que a mulher que decide manter o relacionamento com o agressor vivencia o descaso e a omissão do estado e das políticas públicas que se apresentam ainda falhas. O estabelecimento de marcos legais e institucionais no Brasil sem dúvida trouxe a situação da violência doméstica à discussão, porém, não ofereceu segurança e condições para que a mulher consiga romper a relação de violência que estabelece com o parceiro agressor. Dessa forma, esse trabalho busca identificar as

representações do sentimento de amor nas mulheres em questão.

### **Metodologia**

Trata-se de pesquisa de cunho qualitativo e contou com parecer do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Goiás sob o número 397.701 de 02/09/2013. A amostra foi localizada através da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) de município do sudoeste goiano e de indicação de terceiros. Foram angariados 137 contatos de mulheres: 131 via DEAM e 6 por meio de terceiros. Dessa totalidade, apenas 15 aceitaram ser voluntárias do estudo, mas somente 7 compareceram ao dia e local marcados para a entrevista, constituindo-se assim a amostra da pesquisa. As participantes tinham entre 20 e 50 anos, cujas ocupações variavam entre estudante universitária, “do lar”, cabeleireira, cuidadora de idosos, gari, artesã e doméstica. Em relação ao tempo de relacionamento das entrevistadas com seus parceiros, encontrou-se alternância entre 1 e 18 anos de relação conjugal.

O processo de obtenção dos dados foi efetivado por meio de entrevista semiestruturada, audiogravada e,

posteriormente, transcrita. A leitura e interpretação dos dados foram realizadas pela análise de conteúdo (Triviños, 2007) que culminou na formação das seguintes categorias: a) significado e características do amor; b) amor próprio *versus* amor pelo outro; e c) amor e violência.

### **Resultados e Discussão**

#### *Significados e Características do Amor*

Percebeu-se modos muito discrepantes das participantes em abordar a temática. Verificaram-se diferenças no modo que os sujeitos expressaram suas vivências, ideias e experiências acerca do amor. Parcela das entrevistadas revelaram dificuldades para caracterizar a vivência afetiva, principalmente porque ao entrar em contato com os próprios sentimentos, (re)experienciaram a dor e o sofrimento. Por outro lado, parcela das participantes se apresentaram resistentes e não sinalizaram quaisquer sentimentos, possibilitando inferências sobre a existência de mecanismos para não demonstrá-los. Segundo Diniz (2013), muitas mulheres subestimam a gravidade da violência e a responsabilidade dos agressores em virtude do ciúme e controle. Esses fatores

contribuem para a minimização e precarização das relações sociais da mulher, contribuindo para que a mesma não se perceba em condição de vulnerabilidade psicossocial.

Para as participantes, o respeito, o companheirismo, o cuidado, o perdão e as demonstrações de afeto são sinais de amor. Com relação ao companheirismo, percebeu-se que as representações sociais apareceram de dois modos distintos: a possibilidade de estar com o outro para não se sentir sozinha e a expectativa de que o outro seja parceiro na construção de projetos de vida. Quanto ao primeiro aspecto, as participantes apontaram o parceiro como alguém que preenche um espaço de solidão, desse modo, evidenciava-se a crença de que para essas mulheres seria preferível estar com o companheiro que agride e violenta do que entrar em contato com sua solidão. Essa concepção encontrada é apontada por Londero (2006), ao retratar que a dor da separação do cônjuge seria mais intensa que a violência sofrida cotidianamente.

*“Eu namoro porque fico muito sozinha na minha cidade [...] moro longe da minha família, faço faculdade em outra cidade, não tenho minha mãe lá e só tenho ele agora”.* (Cecilia, 20 anos).

*“[...] eu pensava, eu vou deixar ele, vou arrumar outro, outra pessoa, porque eu não vou ficar sozinha”.* (Silvia, 35 anos).

Observou-se que as expectativas afetivas acerca do amor, para as entrevistadas, tangenciavam a construção de planos e projetos juntos, a possibilidade da edificação de sonhos e objetivos, a criação de laços e a constituição de bens materiais. Na concepção de Jablonski (1991/1998), os relacionamentos são marcados por expectativas, já que os parceiros depositam no outro o preenchimento das necessidades afetivas e materiais. Esse fenômeno não diz respeito somente às relações conjugais violentas, mas trata-se do modelo de conjugalidade presente na contemporaneidade (Féres-Carneiro, 2013; Wagner, 2002).

A representação social de amor para as participantes se sustentava na premissa de que o modo agressivo do parceiro pode ter fim. Nesse sentido, apontaram acreditar nas promessas realizadas pelos parceiros/agressores depois de cada violência. Identificou-se que esse modo de amar é carregado dos sentimentos de “esperança” e “perseverança” e as relações baseiam-se na tolerância e compaixão.

*“[...]ele sempre pedia desculpas, que tudo ia mudar e aí entrava a família dele, todo mundo, vamos mudar, procurar recurso, ir no psicólogo [...] aí você fica sempre na esperança que a pessoa vai mudar [...]”.* (Célia, 33 anos).

*“[...] ele fala que ama, que ama a família, né, que não quer perder, que fazia de tudo pra não perder, quando erra assume os erros, pede perdão [...]”.* (Margarete, 50 anos).

O significado do amor tangenciou os sentimentos de perdão e renúncia. O ato de perdoar parece atrelado à capacidade de tudo tolerar e tudo suportar, corroborando com a ideia de Platão (1999), em que o sacrifício seria a força do amor. Apesar das participantes reconhecerem que muitas violências não deveriam ser perdoadas, elas se identificavam amando justamente pela força/resistência que encontravam em suportar a situação vivenciada no cotidiano da relação conjugal. Por meio do perdão, as mulheres compreendiam que estavam oportunizando a possibilidade para o parceiro mudar seu modo de ser, seu comportamento agressivo.

*“Parece que foi mais uma compaixão, remorso talvez, eu não sei o que aconteceu que deixei ele voltar pra casa. Ele jurou que mudava”.* (Maria de Lurdes, 48 anos).

*“[...] a gente sempre tinha aquela discussão, mas ele sempre falava que ia passar, depois pedia desculpas”.* (Célia, 33 anos).

*“[...] amor assim pra mim hoje eu falo que a gente às vezes precisa renunciar [...]. Mas eu vou conseguir perdoar sempre, vou conseguir perdoar”.* (Silvia, 35 anos).

As participantes apresentaram a renúncia como ato de amor, compreendendo-a como ação em que um parceiro dispõe de algo que é seu em benefício do outro, assim, aquele que ama pode despojar de crenças e valores íntimos em detrimento da felicidade do amado.

Encontraram-se representações de amor ligadas ao desejo de apoio, situação em que o parceiro estaria disponível para ajudar a mulher, para aceitar os filhos que não são seus, para entender as motivações de suas escolhas sem julgá-las e anulá-las. Parece haver a prevalência do papel

tradicional de ser homem, ligado à ideia de amparo e subsistência, embora as relações conjugais vivenciadas pelas mulheres não se enquadrem nessa perspectiva.

*“[...] ai eu tenho um filho também em casa que é doente, sabe, deficiente que dá muito trabalho, tenho essa filha dependente química, então aí ele não me ajuda a ter uma cabeça firme pra lidar com isso tudo aí, ele só acaba com tudo”. (Lucinete, 46 anos).*

*“[...] e se alguém me ofende, pode ser minha mãe, quem for, ele retruca sabe, ele faz, mas não aceita ninguém fazer [...] Ele pode falar pra mim as piores coisas, mas se você falar isso aqui pra mim junto com ele, pode saber, ele não deixa barato”. (Célia, 33 anos).*

Evidencia-se, portanto, que as participantes compartilhavam a ideia de que a experiência do amor contempla boas ações e atributos positivos, porém reconheciam que muito do que vivenciavam em seus relacionamentos afetivos não se equiparava a essas qualidades.

#### *Amor Próprio Versus Amor Pelo Outro*

Buscou-se conhecer os sentimentos que a participante nutria por si mesma e pelo parceiro. Para tanto, investigou-se como compreendiam o amor próprio e chegou-se a duas concepções. As participantes que denunciaram seus parceiros junto às delegacias perceberam-se amando a si mesmas, ao passo que aquelas que não denunciaram, identificaram-se como não tendo amor próprio.

*“[...] mas hoje, depois que eu fiz esse TCO (referindo-se ao boletim de ocorrência) contra ele eu sinto que tenho amor próprio [...]”. (Célia, 33 anos).*

*“[...] porque você ser agredida e perdoar a pessoa que te agrediu de novo, às vezes não tem nem amor próprio [...] depois que fui na delegacia e registrei queixa, aí ele ficou meio cismado comigo”. (Maria de Lurdes, 48 anos).*

As entrevistadas que fizeram a denúncia pareceram mais determinadas a não continuar sofrendo as agressões, possivelmente pelo amparo que a lei “Maria da Penha” (Brasil, 2006) possibilitou. Embora não tenham usado o nome da referida legislação, apontaram a

existência da Delegacia Especializada no Atendimento às Mulheres como espaço de garantia de direitos.

Em relação ao discurso sobre o amor, verificou-se que a situação financeira das participantes não foi considerada condição para a manutenção do relacionamento. Parte significativa da amostra demonstrou não depender dos maridos/parceiros para sobrevivência material, contrariando discurso presente no senso comum de que mulheres que sofrem violência de seus parceiros permanecem na relação em virtude de não dispor de recursos financeiros.

*“[...] passo aperto, passo ‘trambolhões’ daqui e dali, mas eu não dependo dele [...] até porque se eu precisar de cinco reais dele e eu pedir pra ele, ele não dá”. (Lucinete, 46 anos).*

*“[...] tudo que eu tenho eu posso ter também sozinha, eu posso ter. Então eu me pergunto porque estou passando por isso se nem dinheiro a pessoa tem!? [...]”. (Silvia, 35 anos).*

Identificou-se como forte elemento mantenedor da relação as qualidades sociais atribuídos pelas participantes aos parceiros, como a capacidade de cuidar do

patrimônio familiar (consertos domésticos, reparos em automóveis), dos predicados enquanto trabalhador e da disposição em prover financeiramente os filhos.

*“[...] O bom marido dele é assim, se esse vitrô estraga, ele manda arrumar, se eu tô na rua e meu carro estraga, ele vem; eu quero trocar meu carro, ele vai e troca [...]ele é um bom pai, um bom filho. Eu vejo o carinho dele com as crianças, aquilo tampa as coisas que ele faz comigo”. (Célia, 33 anos).*

*“[...] ele trabalha, ele é muito trabalhador [...] me ajuda muito aqui em casa [...]”. (Maria de Lurdes, 48 anos).*

*“ele é uma pessoa boa, é honesto, é trabalhador, é uma pessoa boa de coração que não tem tanto”. (Margarete, 50 anos).*

Dessa forma, verificou-se que o ato de amar para as participantes estava representado por elementos socialmente valorizados no mundo ocidental. Percebeu-se discursos que reiteram o papel tradicional de gênero, no qual o homem é socialmente qualificado pela capacidade de trabalhar e prover sua família (Saffioti, 2001).

A capacidade de superar e tolerar os repetidos episódios de violência foram representados pelas participantes como indício da existência de amor pelo parceiro. Ao identificar reações de afeto e atitudes dos parceiros que remetiam ao arrependimento, as entrevistadas sentiam que o vínculo afetivo não havia se esfacelado.

*“Ele fica calmo, vem, quer segurar minhas mãos e pedir desculpas ou então me beijar, quer me abraçar e quer que seja recíproco assim, que eu beije ele, que ele abrace [...]”.* (Silvia, 35 anos).

*“Ele era carinhoso, falava que nunca mais ia acontecer, e como sempre, acho que toda mulher também acredita né, acha que ele vai mudar [...]”.* (Ana Cléia, 24 anos).

*“Depois da agressão ele falou que a gente tinha que ir na delegacia, que ele ia me levar pra mim denunciar ele, falou que já tinha ligado pro pai e pra mãe dele falando que tinha me batido [...]”.* (Cecília, 20 anos).

Percebeu-se que a dimensão religiosa contribui para a continuidade dessas relações. Os valores cristãos reiteram o papel da mulher como sujeito capaz de tolerar e suportar, já que aquele

que ama, perdoa. Nessa direção, o ideário de amor propagado pelo cristianismo reforça a expectativa da mudança, ou seja, por acreditar que o parceiro pode ser tornar um cônjuge melhor a mulher mantém o relacionamento conjugal. Diniz (2013) reitera esse posicionamento, apontando que a religião pode funcionar como fator de proteção – ao ofertar espaço de continência e acolhimento à mulher violentada – ou fator de risco – ao disseminar que a mulher deve ter paciência e criar formas de manter a união familiar.

#### *Amor e Violência*

Observou-se que as representações sociais acerca do amor presentes nos discursos das participantes era amplamente marcada pelo medo: o medo de sofrer a violência e também o medo de deixar o agressor. Nesse sentido, ao retroalimentar o medo o parceiro contribuía para a ampliação da violência. Diniz (2013) assinala que o medo de não ser compreendida e de ser culpabilizada pela família e pela sociedade também imprime graves marcas, culminando na permanência das mulheres em relações violentas. Para além, esses medos acentuam a autoculpabilização, fenômeno social em que a mulher tende a se

responsabilizar pelo destino da relação afetiva.

Percebeu-se que as participantes permaneciam atreladas à experiências amorosas dolorosas e violentas, principalmente quando o parceiro conseguia desqualificá-las, num processo de anulação de seus gostos, suas roupas, sua família, seu desejo de estudar, de trabalhar, ou seja, situações cotidianas que aos poucos acabavam conduzindo a mulher à autodesvalorização. Destacam-se sentimentos de incapacidade, inferioridade e impotência que as participantes vivenciavam em relação ao parceiro, especialmente pelas diferenças de constituição física. Soihet (2008) denomina esse movimento como violência simbólica, ou seja, a internalização de discursos institucionais que massacram a construção de discursos próprios.

*“[...] se quisesse ter uma vida boa com ele, é desse jeito, aceitando as imposições dele [...] eu não posso fazer academia porque quem faz academia é puta, eu não posso usar roupa vermelha [...] eu não posso usar tomara-que-caia [...] tomar sol não posso nem pensar [...] eu não posso receber uma amizade em casa [...] eu não pude prestar*

*vestibular porque quem faz faculdade vira tudo garota de programa [...]”.*  
(Célia, 33 anos).

Partindo das representações das participantes, apreendeu-se que as agressões verbais foram precursoras das agressões físicas. Nesse sentido, as entrevistadas compreendiam que a violência perpetrada era também instrumento de controle para a manutenção da relação afetiva.

*“Sempre teve agressão verbal [...] todos os dias temos brigas com agressão verbal, muita agressão verbal [...] ele me chama de um monte de nome, vagabunda, puta”.* (Cecília, 20 anos).

*“[...] mas agressão verbal essas coisas, é sempre que ele fica nervoso acontece isso [...] ele sempre que briga, que fica nervoso ele vai me agredir pelo menos com palavras [...]”* (Sílvia, 35 anos).

*“[...] quando eu tava grávida do meu filho, tinha dois anos que a gente tava junto [...]ele pegou e me amarrou com corda de celular em cima da cama, com as mãos pra trás e com uma meia suja na minha boca, lá eu fiz xixi, porque grávida faz xixi toda hora [...] outra vez*

*ele saiu me arrastando, arrancou corodo meu corpo, entendeu, o que aconteceu, a hora que cheguei na casa da minha mãe que ela preparou uma água doce, ele chegou lá, pegou o cinto e me deu quatro cintadas [...]”. (Célia, 33 anos).*

Embora os parceiros usem a violência como forma de dominação e controle, constatou-se que as participantes também se posicionavam de forma violenta. Percebeu-se que elas agiam de forma similar aos parceiros, mas representavam a violência praticada como “defesa” e “modos de enfrentamento”, dessa forma, essas práticas não foram identificadas como sendo iguais às aquelas exercidas pelos homens. É certo que esse ciclo pode contribuir para a perpetuação da violência intrafamiliar e transgeracional (Razera, Cenci & Falcke, 2014).

*“[...] eu deixei bem claro pra ele, toda vez que me atingir, que eu me sentir atingida, é sem pensar que vou partir pra cima [...] na hora eu fico cega, quando eu fico nervosa eu fico cega, eu faço coisas sem pensar”. (Margarete, 50 anos).*

*“O ser humano ele quer reagir[...] se ele vier com essa garrafa, eu vou com*

*uma pedra. Se eu ver que ele veio com uma faca e tiver uma cadeira na frente, eu tacho [...] teve um dia que ele puxou meu cabelo, eu tava com manteiga quente e eu peguei a manteiga quente que eu tava fritando batatinha pro meu filho e taquei na cara dele e catei a faca e falei ‘agora você vem’ [...] deu um tapa, eu volto com dois”. (Célia, 33 anos).*

*“Depois eu comecei ficar agressiva também, se ele me mandava alguma coisa eu também mandava alguma coisa no chão, quebrava alguma coisa, e isso sempre me fez muito mal porque eu não sou assim [...] é estranho, eu já fiz várias vezes pra ele entender que eu também posso fazer isso, de jogar umas coisas nele”. (Sílvia, 35 anos).*

Esses fatores reiteram a concepção de que a violência não está descolada de um dos parceiros – no homem ou na mulher – mas emerge na relação. Na concepção de Saffioti (1999), no plano da forma física, os homens dominam, entretanto, no campo verbal as mulheres têm intensa capacidade de serem agressivas. Assim, fica explícito que a mulher não sofre passivamente as violências, mas quando o faz é com o intuito de reagir.

### Considerações Finais

Esse estudo buscou compreender as representações sociais de amor em mulheres em contexto de violência doméstica que permanecem com seus parceiros, bem como os determinantes sócio-culturais que circundam essas relações. Apesar das variadas mudanças na conceituação do amor no decorrer da história e nas diferentes culturas, esse sentimento foi representado pelas mulheres pesquisadas a partir de sentimentos bons e/ou comportamentos socialmente aceitos, tais como demonstrações de carinho, respeito e companheirismo.

É importante destacar que embora a literatura subjacente e as mulheres tenham elencado variados atributos positivos ao representar o amor, a experiência emocional vivenciada com os companheiros (agressor) mantém-se fundamentada no sentimento de medo e compaixão, na necessidade de cuidar dos

filhos, na crença de mudança do parceiro e na tentativa de assegurar os bens materiais.

Nessa direção, verificou-se ambíguos sentimentos das mulheres frente aos parceiros, pois mesmo vivenciando uma relação dolorosa e conturbada, ainda assim valoravam-no a partir de atributos como “bom pai” e “bom homem na sociedade”, percebendo de forma cindida a experiência vivenciada na intimidade do lar e nos espaços públicos. Em detrimento da violência sofrida, as mulheres apresentaram paradoxos frente à postura com o parceiro, já que se verificou que sentiam medo de abandoná-lo e “descobrirem” que o amam.

A situação da mulher em contexto de violência no Brasil requer maior atenção e desenvolvimento de políticas públicas que possam atendê-las de forma assertiva. Nesse sentido, acredita-se que outros estudos são necessários para compreensão da temática e ampliação da literatura científica brasileira.

### Referências

Barbosa, D. R. (2008). Império do amor romântico: diferenças culturais e sexuais em casais de noivos no Brasil e na Itália. (Tese de doutorado). *Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.*

Bauman Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Branden, N. (2002). *A psicologia do amor: o que é o amor, porque ele nasce, cresce e às vezes morre*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos.

Brasil. (1994). *Convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, "Convenção de Belém do Pará"*. Recuperado em 24 de abril de 2014, de (<http://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/m.Belem.do.Para.htm>).

Brasil (2005). *Plano nacional de políticas para as mulheres*. Brasília/DF: Presidência da República; Secretaria Especial de Direitos Humanos. Recuperado em 7 de dezembro de 2013 de ([http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpm\\_compacta.pdf](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpm_compacta.pdf)).

Brasil (2006). *Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Brasília/DF: Presidência da República; Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos. Recuperado em 20 de setembro de 2013, de ([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)).

Brasil (2011). *Pacto nacional pelo enfrentamento à violência contra as mulheres*. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres. Recuperado em 10 de dezembro de 2013, de (<http://spm.gov.br/publicacoes-teste/publicacoes/2011/pacto-nacional>).

Costa, J.F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.

Del Priore, M. *Histórias do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Diniz, G. (2013). Até que a vida – ou a morte – os separe: análise de paradoxos das relações violentas. In Féres-Carneiro, T. (org). *Casal e família: transmissão, conflito e violência* (pp. 191-216). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Jablonski, B. (1991/1998). *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir.

- Londero, S.M.(2006). *Tecendo vias pelas quais o amor se fala: cartografias dos discursos amorosos na atualidade* (Dissertação de Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- Moscovici, S. (2007). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Neves, A. S. A. (2007). As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? *Revista Estudos Feministas*, 15 (3), 609-627.
- Platão (1999). *Diálogos I: Menon, Banquete, Fedro*. Tradução direta do grego: Jorge Paleikat. 21 ed. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Preto, Z., Maheirie, K., & Tonel, M. J. F. (2009). Um olhar sobre o amor no Ocidente. *Psicologia em Estudo*, 14 (2), 395-403.
- Razera, J., Cenci, C. M. B., & Falcke, D. (2014). Violência doméstica e transgeracionalidade: um estudo de caso. *Revista de Psicologia da IMED*, 6 (1), 47-51.
- Rougemont, D. (2003). *História do amor no ocidente*. São Paulo: Ediouro.
- Saffioti, H. I. B. (1999). Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *São Paulo em Perspectiva*, 13(4), 82-91.
- Saffioti, H. I. B. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cad. Pagu*, 1 (16), 115-136.
- Santos, M. F. S., & Almeida, L. M. (orgs.) (2005). *Diálogos com a teoria das representações sociais*. Recife: Editora Universitária.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010). *Relacionamentos afetivos na literatura científica: uma revisão integrativa sobre a noção de conjugalidade*. Psicologia para América Latina, São Paulo, 19.

Soihet, R. (2008). Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica? *Estudos de Sociologia*, 13 (24), 191-207.

Féres-Carneiro, T. (org) (2013). *Casal e família: transmissão, conflito e violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Triviños, A. N. S. (2007). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Wagner, A. (org.) (2002). *A família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis/RJ: Vozes.

## **Agradecimentos**

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás pelo fomento concedido.

### **As autoras:**

**Tatiana Machiavelli Carmo Souza** é Professor Adjunto I na Universidade Federal de Goiás, no curso de Psicologia - Regional Jataí; Doutora e Mestre em Serviço Social pela UNESP; atua nas áreas de Processos Psicossociais, com ênfase em práticas sócio-jurídicas, gênero e trabalho com famílias. E.mail: [tatimachiavelli@yahoo.com.br](mailto:tatimachiavelli@yahoo.com.br)

**Kelen Sabini** é Psicóloga, graduada pela Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí. E.mail: [kelensabini@hotmail.com](mailto:kelensabini@hotmail.com)